

A terapia filosófica de John McDowell em *Mente e Mundo* a partir da noção de segunda natureza

Iuri Slavov

Mestrando em Filosofia na UFABC

Bolsista da FAPESP

<http://lattes.cnpq.br/0710172022581833>

iurislavov98@gmail.com

72

Nesta comunicação, temos como objetivo contextualizar o procedimento terapêutico adotado por McDowell em *Mente e Mundo* (1996), tomando a noção de “segunda natureza” como exemplo privilegiado de tal procedimento. Para tanto, seguiremos dois passos.

Primeiro, mostraremos como o procedimento terapêutico mcdowelliano, conforme a introdução de *Mente e Mundo* e textos metodológicos como *Wittgensteinian “quietism”* (2009), é constituído de três partes: (1) a identificação do que é considerado um problema filosófico pelo(a) interlocutor(a) da terapia; (2) a explicitação das partes que compõem a posição adotada pelo(a) interlocutor(a) que impedem com que aquilo que é considerado por ele(a) como um problema filosófico possa ser solucionado através da teoria filosófica que ele(a) adota; (3) a dissolução do problema e da posição adotada ao mostrar como os termos do problema identificado podem ser rearranjados em um novo quadro conceitual não-problemático.

Em segundo lugar, visto o procedimento terapêutico, mostraremos como ele se encaixa no tratamento do problema da possibilidade da relação entre mente e mundo. Ou seja, (1) começaremos mostrando como McDowell identifica que a relação entre mente e mundo é problemática para seus interlocutores: se, por um lado, para alguns parece necessário que o mundo seja a instância última à qual podemos recorrer na justificação de nossas crenças sobre a disposição das coisas no mundo, por outro lado, alguns consideram que o mundo não pode exercer qualquer coerção normativa sobre nossa sensibilidade. Identificado o problema geral, (2) é preciso mostrar como os dois lados que dão forma ao problema dependem de uma concepção de natureza própria à cientificidade moderna, que inviabiliza as soluções propostas: nesta concepção, os impactos da natureza

e a forma de nossa sensibilidade são considerados como não conceituais e, assim, não é possível conceber uma coerção normativa do mundo sobre o sujeito. Sabendo o que impossibilita uma resolução do problema nos termos nos quais ele foi posto, (3) McDowell mostra como a adoção de uma outra concepção de natureza faz com que o problema se dissolva: se concebemos como natural ao humano a “iniciação em capacidades conceituais” (McDowell, 1996, p. 84), concluímos que nossa interação sensível com o mundo é permeada por conceitos e normativa.

Ou seja, ao concebermos o mundo como segunda natureza, chegamos a um quadro da relação entre mente e mundo que pode ser visto como uma “descoberta que traz paz à filosofia” (Wittgenstein, PU §133, *apud* McDowell, 1996, p. 86).

Palavras-chave: John McDowell. Terapia filosófica. *Mente e Mundo*. Segunda natureza.

Bibliografia

MCDOWELL, J. Wittgenstein on following a rule. *Synthesis*, v. 58, pp. 325 - 364, 1984.

_____. *Mind and World*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

_____. Wittgensteinian “quietism”. *Common Knowledge*, v. 15, n. 3, pp. 365 - 372, 2009.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Tradução: G. E. M. Anscombe. Segunda edição bilingue. Malden: Blackwell, 1958.